

Interação entre fatores sintáticos e fonológicos nos usos de vírgula em esquema duplo em textos do EFII

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3264>

Nayra Cristina Paiva¹

Resumo

O objetivo deste artigo é descrever e analisar os usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema duplo caracterizados por haver o emprego da vírgula tanto na fronteira direita quanto na fronteira esquerda da estrutura sintática mobilizada. A partir disso, identificar tendências e regularidades relacionadas a esses usos de vírgula e, também, caracterizar a quais fronteiras sintáticas e prosódicas do enunciado a vírgula em esquema duplo está relacionada. Para a realização deste trabalho, selecionamos uma amostra total de 205 excertos retirados do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. Os aspectos teóricos relacionam-se à multidimensionalidade da pontuação (CHACON, 1998) e ao modelo *relation-based* da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986).

Palavras-chave: vírgula; sintaxe; prosódia.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; nayrapv@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3633-3571>

Interaction between syntactic and phonological factors in uses of comma in double scheme in texts of junior high school

Abstract

The purpose of this article is to describe and analyze the formal and non-formal uses of comma in double scheme that are characterized by the use of comma both to right boundary and to left boundary of the syntactic structure mobilized. From this, identify tendencies and regularities related to these uses of comma and also characterize to which syntactic and prosodic boundaries of the utterance the comma in double scheme is related. To the realization of this work, we selected a cross-sectional sample of 205 excerpts taken from the Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. The theoretical aspects are related to the multidimensionality of the punctuation (CHACON, 1998) and to the relation-based model of the Prosodic Phonology (NESPOR; VOGEL, 1986).

Keywords: comma; syntax; prosody.

Introdução

Neste trabalho², nos firmamos à descrição linguística de aspectos sintáticos e prosódicos envolvidos no emprego de vírgula em esquema duplo em textos do último ano do Ensino Fundamental Brasileiro (doravante EFII), a partir de trabalhos já versados sobre escrita e pontuação (CHACON, 1998; CORRÊA, 2004; ARAÚJO-CHIUCHI, 2012; SONCIN, 2014; SONCIN; RODRIGUES, 2018; CARVALHO, 2019).

Nesse âmbito, descreveremos os fatores linguísticos que afetam os usos e não usos desse sinal de pontuação, assumindo uma perspectiva que enxerga a relação entre fala e escrita de modo mais complexo, não apenas uma relação de interferência do fônico no gráfico.

A vírgula, enquanto objeto linguístico de investigação de estatuto problemático, possibilita diversas perspectivas de análise, encontradas na literatura, e que podem ser representadas na tradição autonomista, em que fala e escrita são vistas como sistemas autônomos, e na tradição fonocentrista, em que a escrita seria uma representação fiel da fala (SONCIN, 2014). Em trabalhos como os inseridos na tradição autonomista, a pontuação é tida como pertencente à escrita, não mantendo, assim, nenhuma relação com o fônico. Já em trabalhos como os inseridos na tradição fonocentrista, a pontuação

2 O estudo e a descrição e análise dos resultados expostos neste artigo advêm da recém defendida dissertação de mestrado. Para mais informações, confira Paiva (2021).

é tida como sinal gráfico que, na escrita, é empregado para orientar a leitura, pois, indica pausa.

Neste trabalho, nos distanciamos dessas abordagens, na medida em que, ao restringir o estudo da pontuação ora sob um ponto de vista somente sintático ora somente prosódico, exclui-se propriedades que são constitutivas da vírgula enquanto objeto linguístico. Dessa forma, a instabilidade e a complexidade da vírgula são postas de lado, o que acaba por contribuir para uma visão mais simplificada do objeto.

A proposta deste artigo promove uma visão que parte da estrutura sintática dos enunciados escritos para estabelecer relação com a organização prosódica dos enunciados, articulando características sintáticas e prosódicas dos enunciados aos usos da vírgula, seja quando presente, seja quando ausente esse sinal nos textos escritos. Dessa maneira, assim como em Araújo (2012), Soncin (2014) e Carvalho (2019), partimos do pressuposto de que a relação entre pontuação e fonologia é de representação simbólica, o que implica certa concepção da relação entre fala e escrita para abordar e conceber a pontuação, de modo amplo, e a vírgula, de modo particular.

Temos por objetivo identificar tendências e regularidades dos usos convencionais e não convencionais de vírgula em esquema duplo em textos do EFII e caracterizar a quais características sintáticas e prosódicas do enunciado a vírgula em esquema duplo está relacionada. Para a realização desta descrição e análise da vírgula em esquema duplo, foi selecionada uma amostra transversal de 205 textos do Banco de Dados de escrita do Ensino Fundamental II.

Este trabalho organiza-se em quatro seções, a serem sintetizadas a seguir: em primeiro lugar, apresentamos os aportes teóricos utilizados na análise; em segundo lugar, caracterizamos o objeto linguístico de investigação e os procedimentos metodológicos adotados; em terceiro lugar, apresentamos as análises e, por fim, tecemos as considerações finais.

Fundamentação teórica

A vírgula, segundo Dahlet (2006, p. 143), é o sinal de pontuação mais complexo, pois, é o único sinal que funciona tanto em esquema duplo quanto em esquema simples, além de ser o único capaz de atuar simultaneamente em duas amplitudes e ser o sinal sintático por excelência, ou seja, o mais construtor na sintaxe. Por esquema duplo, a autora entende estruturas como a exemplificada em (1), em que duas vírgulas são empregadas.

1. Nós, seres humanos, somos os causadores dessa destruição. (Z08_8A_15M_05)

Assume-se, neste trabalho, a escrita constituída pela heterogeneidade das práticas orais e letradas, tal como defendida por Corrêa (2004). Para este autor, a heterogeneidade não é uma característica da língua (AUTHIER-REVUZ, 1990) que se mostra na escrita, mas a escrita tem como traço constitutivo sua heterogeneidade.

Em consonância com a visão de Corrêa (2004), assumimos, também, a premissa da multidimensionalidade da linguagem, defendida por Chacon (1998), a qual é evidenciada por meio do uso dos sinais de pontuação. Segundo o autor, há quatro dimensões relacionadas ao sistema de pontuação: a fônica, a sintática, a textual e a enunciativa. Neste trabalho, priorizamos a dimensão sintática e a fônica da linguagem; entretanto, vale destacar que não desconsideramos a relevância das dimensões textual e enunciativa que podem, até mesmo, ser observadas no emprego da vírgula em esquema duplo, na medida em que, para Chacon (1998), as dimensões da pontuação atuam de forma simultânea na linguagem.

Assim como a noção de escrita, destacamos, também, a concepção de prosódia adotada. A prosódia é concebida, neste trabalho, assim como para Soncin e Tenani (2015), como parte da estrutura linguística, a partir da abordagem da interface entre sintaxe e fonologia, tal como formalizada no modelo da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986).

Sendo a Fonologia Prosódica um modelo de cunho gerativista, enxerga-se a Fonologia como um componente da gramática que estabelece interface com outros componentes e, nesse modelo, mais especificamente, interface entre sintaxe e fonologia. Ademais, por ser um modelo representativo das teorias não-lineares, assume-se que os níveis são organizados de forma hierárquica e, para cada um desses níveis, existem regras específicas de formação. Nesse modelo teórico, a interface entre sintaxe e fonologia é estabelecida a partir do componente prosódico, o qual é formado por constituintes prosódicos de diferentes tipos. Ainda é válido destacar que não há isomorfia entre esses constituintes, ou seja, os constituintes prosódicos não são cópias dos constituintes sintáticos, tendo em vista que os princípios que regulam os constituintes sintáticos não são os mesmos que regulam os constituintes fonológicos, sendo assim, não há um comprometimento para manter o isomorfismo entre a sintaxe e a fonologia.

A partir desse modelo, as línguas naturais do mundo podem ser organizadas em sete constituintes prosódicos, a saber: a sílaba (σ), o pé (Σ), a palavra prosódica (ω), o grupo clítico (C), a frase fonológica (ϕ), a frase entoacional (I) e o enunciado fonológico (U). Esses domínios prosódicos são formados por algoritmos, por meio dos quais se tem acesso ao tipo de informação gramatical que é relevante para que se defina a estrutura de cada um dos constituintes.

O algoritmo de formação para cada domínio está relacionado ao tipo de informação gramatical e, também, a fenômenos fonológicos relevantes para sua definição estrutural. Além disso, vale destacar que é por meio do algoritmo de formação que se define o tipo de informação gramatical relevante para a identificação estrutural desse constituinte. Nesta pesquisa, exploramos os algoritmos de formação e de reestruturação para o domínio prosódico de I³.

Passemos ao algoritmo de formação e reestruturação apresentado por Frota (2000):

Formação de Frase Entoacional (I)

Domínio I: (i) todas as ϕ s adjacentes em uma cadeia em que não estão estruturalmente ligadas à sentença raiz (ou seja, expressão em parênteses, tag questions, vocativos, etc.); (ii) qualquer sequência restante das ϕ s adjacentes numa sentença raiz; (iii) o domínio de um contorno entoacional, cujos limites coincidem com posições em que as pausas relacionadas com a gramática podem ser introduzidas em um enunciado. (FROTA, 2000, p. 57).

Reestruturação de I: (i) reestruturação de uma I básica em duas outras menores, ou (ii) reestruturação de Is básicas em uma I maior. Os fatores que desempenham papel na reestruturação de I: comprimento dos constituintes, de taxa de elocução e estilo interagem com restrições sintáticas e semânticas. (FROTA, 2000, p. 57).

Há diferentes critérios previstos para a identificação de I. Basicamente, o domínio do I deve consistir-se de: i) todas as frases fonológicas numa sequência que não estão estruturalmente ligadas à sentença raiz; sendo essa, segundo Frota (2000), a primeira regra de formação de I; ii) qualquer sequência restante de frases fonológicas adjacentes em uma sequência raiz, sendo essa a segunda regra de formação e iii) domínio de um contorno entoacional, cujos limites coincidem com posições em que as pausas relacionadas com a gramática podem ser introduzidas em um enunciado; sendo essa a terceira regra de formação do domínio (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 189).

3 A decisão metodológica de explorar a frase entoacional (I) se deu embasada em trabalhos como os de Soncin (2014) e Carvalho (2019), por já atestarem a significância do constituinte para os usos e não usos da vírgula em textos de alunos do EFII.

Material e metodologia

Os dados a serem analisados e discutidos, neste trabalho, foram obtidos a partir de textos selecionados do Banco de Dados de Produções Escritas do EFII⁴ e que compuseram uma amostra transversal de 205 textos, produzidos por alunos de 13-14 anos, em 2008, que cursavam a oitava série do EFII (atual 9º ano). Esses textos compreenderam dois temas “Internacionalização da Amazônia” e “Destruição do Planeta Terra” pertencentes a um mesmo gênero textual: o artigo de opinião.

Nesse âmbito, embasadas na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), destacamos do material do Estado que pontuação e artigo de opinião eram conteúdos programáticos a serem desenvolvidos em três dos quatro bimestres em que estão organizados os conteúdos do 9º ano. Ao considerar esse conteúdo programático sobre o ensino de funcionamento sintático da vírgula, tínhamos a expectativa de encontrar, nos textos do 9º ano, estruturas sintáticas em que vírgulas devem ser empregadas em esquema duplo, como definido por Dahlet (2006).

Nesse conjunto de textos, a partir de leituras, identificamos as estruturas sintáticas em que vírgulas em esquema duplo devem ser empregadas. Para essa identificação, nos ancoramos na *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara (2015). Essa escolha foi tomada com base em estudo realizado por Soncin (2008), que caracterizou essa gramática como a que mais considera características orais em comparação a outras gramáticas (a saber: BECHARA, 1999; LUFT, 1998; ROCHA LIMA, 1986; CUNHA; CINTRA, 2001). Esse procedimento metodológico nos permitiu selecionar e excluir dados de vírgula em esquema duplo.

No que concerne às estruturas sintáticas, essas, embasadas na gramática, puderam ser classificadas em dois tipos: (i) deslocamento e (ii) encaixamento. As figuras a seguir exemplificam, respectivamente, a tipologia (ausência-ausência) em estruturas sintáticas de deslocamento e encaixamento, encontradas nos textos.

4 Desenvolvido a partir do projeto de extensão universitária intitulado “Desenvolvimento de oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual no Ensino Fundamental II” da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Dentre outros resultados, esse projeto possibilitou a construção da plataforma *on-line* do Banco de Dados, disponível gratuitamente em: <http://www.gdb.ibilce.unesp.br/redacoes>, por meio da revista *Estudos Linguísticos* (São Paulo, 1978), v. 49, n. 3, p. 1569-1583, dez. 2020, e com auxílio financeiro da FAPESP (Processo 2013/14.546-5). Ao todo, o banco de dados é formado por 5.519 textos produzidos por 622 alunos, organizados de modo a constituir uma amostra transversal e outra longitudinal.

Figura 1. Exemplo de uso não convencional da vírgula em esquema duplo em contexto sintático de deslocamento

Espero que um dia o mundo mude
apesar de não acredita muito, mas também

Texto: Z08_8C_40M_02

Figura 2. Exemplo de uso não convencional da vírgula em esquema duplo em contexto sintático de encaixamento

Nós os seres humanos não nos preocupamos com o mundo,
sempre fala na televisão do aquecimento global, que se

Texto: Z08_8A_17F_05

A Figura 1 exemplifica o uso não convencional da vírgula pela ausência das duplas vírgulas na estrutura sintática “um dia” que está deslocada na sentença. Já a Figura 2 exemplifica o uso não convencional da vírgula pela ausência das duplas vírgulas na estrutura sintática “os seres humanos” que está encaixada na sentença.

Quanto à classificação dos dados, realizamos em: (i) presenças de vírgulas convencionais e não convencionais e ausências de vírgulas não convencionais; (ii) estruturas sintáticas mobilizadas em que ocorrem a presença convencional, a presença e a ausência não convencionais da vírgula e (iii) fronteiras prosódicas relacionadas às fronteiras sintáticas em que vírgulas estão presentes. No Quadro (1), apresentamos a classificação dos dados em relação ao critério (i), explicitando a relação entre o sinal vírgula e a classificação pela gramática.

Quadro 1. Classificação de dados em comparação com as normas gramaticais

Tipos de Uso	Ocorrências	Classificação pela Gramática Normativa
Convencional	Presença da vírgula	Acerto pela presença de vírgulas
Não convencional	Presença da vírgula	Erro pela presença de vírgulas
	Ausência da vírgula	Erro pela ausência de vírgulas

Fonte: Paiva (2021, p. 39)

No tocante ao critério (iii), ainda cabe tratar da classificação dos dados em relação às fronteiras prosódicas relacionadas à fronteira sintática. Exemplificamos as quatro possibilidades de presença e ausência de vírgulas, nas quais as fronteiras sintáticas, independentemente de haver ou não vírgulas, correspondem a fronteiras de frase entoacional (I).

2. Em segundo lugar, [apesar de os governantes não darem total apoio a isso], I temos condições de cuidar da Amazônia. (Z08_8B_02F_02)
3. Mas, [enquanto o mundo me tratar como brasileira]∅ I lutarei para que a Amazônia seja nossa. (Z08_8C_34F_02)
4. Esse texto diz uma verdade que muitos nem querem escutar ∅ [ou preferem nem saber],I que o nosso planeta está acabando. (Z08_8A_16M_05)
5. E com a destruição da floresta amazônica∅ [que é o pulmão do mundo] ∅ I vai piorando. (Z08_8B_09M_05)

Para essa classificação prosódica, levamos em consideração o algoritmo de formação do constituinte frase entoacional I, proposto, inicialmente, por Nespor e Vogel (1986). Estudos anteriores, como os de Soncin (2014) e Carvalho (2019), apontaram que o constituinte I é o principal constituinte prosódico que tem relação com o emprego da vírgula. Tomamos a decisão metodológica de considerar que a estrutura I pode ser reestruturada tendo em vista sua extensão⁵ (curta – até 5 sílabas; longa – 5 sílabas ou mais), em congruência com os resultados descritos por Elordieta *et al.* (2003), e, também, por Ghini (1993), ao afirmar que estruturas pequenas na língua tendem a formar estruturas maiores e estruturas maiores tendem a formar estruturas menores, gerando, assim, um balanceamento e estruturas mais equilibradas na língua.

A partir dessas considerações, assumimos, então, que a presença do sinal gráfico [I] indica fronteira de I, entretanto, a ausência desse sinal não implica, necessariamente, ausência de fronteira de I. Para visualização, passemos aos exemplos abaixo.

6. [Vai que] I [no futuro] I [os estrangeiros proibem nos de ver a Amazônia] I (Z08_8A_05F_02).

Possibilidade de reestruturação

- 6'. [Vai que no futuro os estrangeiros proibem nos de ver a Amazônia] I.

No exemplo 5, a estrutura sintática deslocada “no futuro” configura-se uma I e tanto a fronteira direita quanto a fronteira esquerda não estão demarcadas pelas duplas vírgulas. No entanto, há a possibilidade de reestruturação prosódica: a estrutura “no futuro” é formada por quatro sílabas, configura uma estrutura pequena e, sintaticamente, há a possibilidade de ser reestruturada junto às Is que lhe são adjacentes e, dessa forma, a estrutura sintática não é delimitada por fronteira de I, necessariamente.

No quadro a seguir, sistematizamos os critérios de classificação de dados que adotamos, por meio dos quais buscamos identificar regularidades quanto à presença/ausência de vírgulas.

5 Para a extensão das estruturas, levamos em consideração a sílaba ortográfica.

Quadro 2. Critérios de classificação de dados

Critérios	Fatores
Combinação de possibilidades de vírgulas	Presença-presença
	Presença-ausência
	Ausência-presença
	Ausência-ausência
Estruturas sintáticas	Deslocamento
	Encaixamento
Fronteiras prosódicas	Frase entoacional
	Frase fonológica
	Enunciado fonológico

Fonte: Paiva (2021, p. 42)

Análise dos dados

Nesta análise dos dados, descreveremos sintática e prosodicamente as estruturas investigadas, tendo em vista o objetivo de estabelecer relação entre sintaxe e fonologia nos usos e não usos de vírgula em esquema duplo em textos do EFII. Na Tabela 1 abaixo, têm-se as frequências absolutas e percentuais distribuídas entre as tipologias de uso da vírgula em esquema duplo em fronteiras sintáticas de deslocamento e encaixamento.

Tabela 1. Tipos de ocorrências de vírgula em fronteiras sintáticas de esquema duplo

	Deslocamento	Encaixamento	Total %
Presença-Presença	12	36	48 (12,6)
Ausência-Ausência	184	77	261 (68,5)
Ausência-Presença	20	17	37 (09,6)
Presença-Ausência	17	18	35 (09,2)
TOTAL	233 (61,2%)	148 (38,8%)	381 (100)

Fonte: Paiva (2021, p. 64)

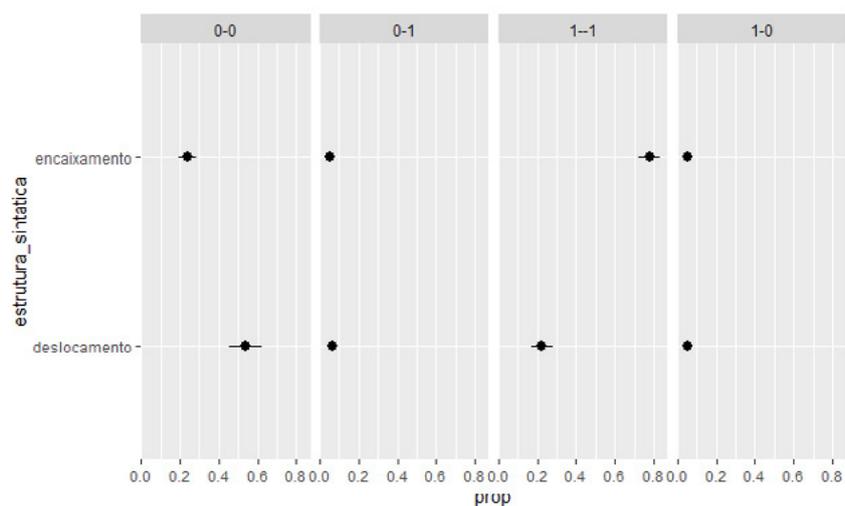
Desta tabela, destacamos o predomínio (87,4% do total de dados) do uso não convencional da vírgula em estruturas que demandam vírgulas em esquema duplo. Em contrapartida, apenas 12,6% dos dados são classificados como usos convencionais, por haver vírgulas em ambas as fronteiras. No que se refere às estruturas sintáticas, as frequências mostram que o deslocamento configura estrutura sintática mais recorrente nos textos

desses alunos (61,2%) em detrimento ao encaixamento (38,8%). Entretanto, o que pode ser percebido é que, em ambas, o predomínio é do uso não convencional, tendo em vista que, em fronteiras de deslocamento, são 5,1% de usos convencionais ante 94,9% de usos não convencionais, ou seja, os usos não convencionais são 20 vezes maiores. Já em fronteiras de encaixamento, as ocorrências convencionais são 24,3% e as não convencionais 75,7%, representando essas o triplo em relação aos usos convencionais.

Ainda podemos visualizar em quais estruturas sintáticas há maior ausência de vírgulas. Quanto a essas ausências, constata-se que predomina (68,5%) a ausência de vírgulas em ambas as fronteiras das estruturas. Já no que concerne à ausência de vírgula em apenas uma das fronteiras, essas, em menor número, totalizam 18,8% dos dados.

Passemos ao Gráfico 1, abaixo, em que se explicita essa distribuição percentual.

Gráfico 1. Tipos de uso da vírgula em esquema duplo em relação às fronteiras sintáticas



Fonte: Elaboração própria

No gráfico⁶ acima, observamos, na distribuição dos dados, que as proporções (representadas pelas esferas centrais em negrito) se distanciam entre si tanto com relação às ausências não convencionais (tipo 0-0) quanto às presenças convencionais.

No que se refere ao tipo (0-0), notamos que, em proporções, as ausências da vírgula são maiores em estruturas deslocadas do que em encaixadas. Já com relação ao tipo (1-1), observamos, justamente, o inverso das ausências não convencionais, tendo em vista que a presença da vírgula é mais recorrente em estruturas encaixadas do que em deslocadas.

⁶ Os Gráficos 1 e 2, neste trabalho, foram gerados a partir do Programa R de Estatística.

Por fim, no tocante aos tipos (0-1) e (1-0), as proporções não se distanciam entre si, ao contrário, a distribuição é praticamente semelhante. Por consequência, esse Gráfico 1 nos sugere que há uma diferença na distribuição dos dados, ou seja, a depender da estrutura sintática, os alunos do EFII utilizam as vírgulas no texto de modos diferentes. A fim de investigar se há amparo estatístico para essa distinção, trazemos, mais à frente, o Modelo de Regressão Multinomial ajustado.

Tendo sido feita a descrição das características sintáticas das estruturas consideradas, a partir da tabela e do gráfico acima, apresentamos as tendências e regularidades encontradas na amostra analisada:

- (i) As estruturas encaixadas em relação às deslocadas são menos recorrentes nos textos;
- (ii) Há o predomínio do uso não convencional pela ausência nas estruturas sintáticas de deslocamento e encaixamento, ou seja, essas estruturas tendem a não ser sinalizadas pelas vírgulas nas duas fronteiras da estrutura sintática;
- (iii) O uso convencional de vírgulas tende a ser, aproximadamente, três vezes mais em fronteiras de encaixamento do que de deslocamento. Sendo assim, mesmo que a maior incidência, nos textos, seja de estruturas deslocadas, essas, quando emergem, têm menos probabilidade de serem delimitadas pelas vírgulas em esquema duplo.

Essas informações quantitativas, que nos possibilitaram levantar tendências e regularidades quanto aos usos da vírgula, podem, também, embasar reflexões de natureza qualitativa. Observamos que a maior recorrência das estruturas deslocadas pode estar relacionada ao gênero textual (artigo de opinião) e às propostas textuais (cf. seção Material e metodologia) trabalhadas com os alunos, tendo em vista a hipótese de que esse gênero textual favoreça a emergência de orações subordinadas adverbiais deslocadas, ao ser colocado, na posição sintática inicial, o ponto de vista do escrevente para a construção da argumentação. Entretanto, ao mesmo tempo em que são mais recorrentes, essas estruturas tendem a não ser sinalizadas pelas vírgulas, o que nos mostra que os alunos pouco reconhecem a hierarquização das estruturas sintáticas. Ademais, cremos que as estruturas deslocadas (geralmente, adjunto adverbial e orações adverbiais) são mais complexas sintaticamente⁷, tendo em vista que estabelecem relação de complementariedade sintática e semântica com as estruturas adjacentes, o que também dificulta seu reconhecimento e, assim, a sinalização pelas duplas vírgulas.

7 Além de serem sintaticamente mais complexas, também partimos da hipótese de que sua realização prosódica é diferente da realização de estruturas encaixadas, por exemplo. Devido à natureza dos dados, sendo esses escritos, a investigação não foi possível. Entretanto, a observação a partir das tendências apontadas resultou em um projeto de pesquisa futuro, em nível de doutorado, em que o objeto de investigação é as fronteiras prosódicas dessas estruturas deslocadas, partindo da hipótese de que sua produção e percepção é favorecida, a partir de fatores linguísticos controlados, como a extensão e a ramificação sintática dessas estruturas.

No que se refere ao uso convencional maior em estruturas encaixadas, nos parece que, diferentemente do apontado para as estruturas deslocadas, os alunos tendem a reconhecer mais a relação entre o emprego convencional da vírgula e as estruturas explicativas. Essas estruturas, a nosso ver, parecem já ser conteúdo assimilado ao final do EFII, pela circulação do aluno por práticas letradas da pontuação (CORRÊA, 2004), além de ser menos complexas sintaticamente. Nesse sentido, nos ancoramos em Tenani (1996) que, ao analisar prosodicamente as inserções parentéticas, pôde observar que, além de essas estruturas não apresentarem vínculo sintático com as estruturas em que estão encaixadas, também apresentam configuração prosódica padrão: tessitura baixa e velocidade rápida da fala. Ao vermos o funcionamento dessas estruturas nos textos, podemos observar, assim, que esse tipo de estrutura pode não estabelecer vínculo sintático com as suas adjacentes, mas pode estabelecer um vínculo semântico não só entre estruturas, mas também entre porções do texto. Essa visão nos coloca em congruência com o trabalho de Soncin (2014) e de Soncin e Rodrigues (2018), ao afirmarem a importância de se considerar o funcionamento discursivo-textual para a contextualização do ensino da pontuação. Tal funcionamento corrobora a multidimensionalidade da linguagem, apontada por Chacon (1998), na medida em que nos mostra que a vírgula, enquanto sinal de pontuação complexo, atua não só na dimensão sintática e fônica da linguagem, mas também na dimensão discursiva e textual.

Abaixo, apresentamos a Tabela 2, em que descrevemos as características prosódicas investigadas, a partir da distribuição dos usos e não usos da vírgula em esquema duplo em relação à fronteira de frase entoacional.

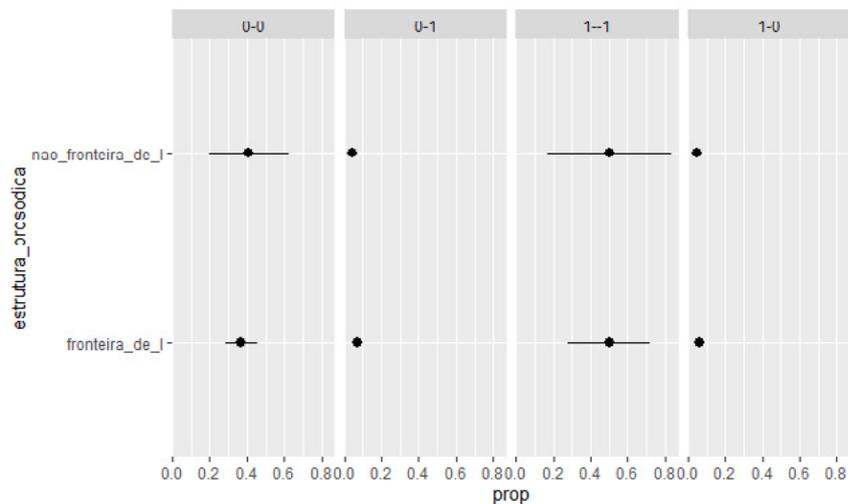
Tabela 2. Tipos de ocorrências de vírgula em fronteiras prosódicas

Ocorrências de vírgula	Fronteira de I	Não fronteira de I	Total %
Presença-Presença	36	12	48 (12,6)
Ausência-Ausência	114	147	261 (68,5)
Ausência-Presença	22	15	37 (09,6)
Presença-Ausência	18	17	35 (09,2)
TOTAL	190 (49,8%)	191 (50,2%)	381 (100)

Fonte: Paiva (2021, p. 73)

Destacamos, da Tabela 2, a distribuição praticamente semelhante dos usos da vírgula em esquema duplo em fronteira e não fronteira de frase entoacional; no entanto, praticamente, metade dos dados (50,2%) mostra que o local em que as vírgulas foram ou deveriam ter sido empregadas corresponde a fronteiras distintas de I. Desse total de dados, em 93,7% das estruturas, vírgulas não foram usadas. Com relação ao uso convencional, identificamos que 9,5% corresponde ao uso convencional da vírgula em fronteira de I. No Gráfico 2, abaixo, se explicita essa distribuição percentual.

Gráfico 2. Tipos de uso da vírgula em esquema duplo em relação às fronteiras prosódicas



Fonte: Elaboração própria

No gráfico 2, visualizamos a distribuição dos dados que, em um primeiro momento, parece nos indicar ausência de efeito das variáveis predictoras “fronteira de l” e “não fronteira de l”, na medida em que os pontos das proporções parecem estar muito próximos entre si e com a sobreposição das barras de erro. Para obter amparo estatístico, assim como para as estruturas sintáticas, trazemos, mais à frente, os resultados do Modelo de Regressão Multinomial ajustado.

A partir da descrição das características sintáticas das estruturas consideradas, apresentamos as tendências e regularidades encontradas na amostra analisada:

- (i) Em fronteiras de estruturas encaixadas e deslocadas que coincidem com fronteira de l, há mais usos convencionais das vírgulas;
- (ii) Não haver fronteira de l também interfere nos usos da vírgula em esquema duplo, pois aumenta as chances de haver uso não convencional;

As tendências e regularidades apontadas corroboram a visão de que as fronteiras sintáticas não necessariamente são isomórficas às fronteiras prosódicas (NESPOR; VOGEL, 1986); além de também mostrarem que as dimensões da pontuação atuam em concomitância, como propõe Chacon (1998), na medida em que o fato de os usos convencionais serem maiores em fronteiras sintáticas que coincidem com as prosódicas mostrarem a atuação da vírgula na dimensão fônica da linguagem.

Para verificar se há amparo estatístico para as distinções observadas, ajustamos o Modelo de Regressão Multinomial⁸ e apresentamos, abaixo, os resultados.

Figura 1. Modelo de Regressão Multinomial para as variáveis estrutura sintática, estrutura prosódica e extensão

possibilidade_virgula				
<i>Predictors</i>	<i>Log-Odds</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	<i>Response</i>
(Intercept)	1.56	0.65 – 2.46	0.001	0-0
estrutura_sintatica [encaixamento]	-1.70	-2.43 – -0.97	<0.001	0-0
estrutura_prosodica [nao_frenteira_de_I]	1.75	0.83 – 2.67	<0.001	0-0
extensao [longa]	0.81	-0.05 – 1.67	0.065	0-0
(Intercept)	-1.19	-2.84 – -0.47	0.159	0-1
estrutura_sintatica [encaixamento]	-1.10	-2.05 – -0.16	0.022	0-1
estrutura_prosodica [nao_frenteira_de_I]	2.01	0.33 – 3.69	0.019	0-1
extensao [longa]	1.80	0.19 – 3.42	0.029	0-1
(Intercept)	-0.92	-2.38 – 0.54	0.217	1-0
estrutura_sintatica [encaixamento]	-0.92	-1.87 – 0.04	0.060	1-0
estrutura_prosodica [nao_frenteira_de_I]	1.79	0.32 – 3.25	0.017	1-0
extensao [longa]	1.16	-0.26 – 2.59	0.109	1-0
Observations	381			
R ² Nagelkerke	0.162			

Fonte: Paiva (2021, p. 87)

Primeiramente, da tabela acima, ressaltamos que os valores informados são dados pelo modelo tendo como valor de referência o tipo presença-presença de vírgulas (1-1), ou seja, os usos convencionais. Os valores relativos aos demais tipos considerados, como veremos a seguir, permitem visualizar o quanto os dados não convencionais de diferentes tipos mudam em relação ao tipo convencional. Passemos aos apontamentos acerca dos valores da tabela.

No que se refere à variável resposta 0-0, ausência não convencional, os *slopes* positivos para as estruturas deslocadas curtas em frenteira de I e fora dessa frenteira de [1.56] e

⁸ A Regressão Multinomial é um modelo linear em extensão à Regressão Logística Binomial. Esse Modelo permite prever uma variável dependente categórica que tem mais de dois níveis e, assim como qualquer outro Modelo de Regressão, pode ser previsto usando uma ou mais variáveis independentes que podem ser do tipo nominal, ordinal ou contínua. A escolha por esse Modelo se deu, tendo em vista que os dados presentes neste trabalho são categóricos.

[1.75] *log odds* indicam que a estrutura sintática deslocamento curta, independentemente de estar em fronteira de I ou não, aumenta as chances de ocorrer a combinação de ausência-ausência de vírgulas (0-0). Essas chances, em probabilidade, indicam, respectivamente, que há 82% e 85% de chances de haver uso não convencional nessas duas condições anteriormente apresentadas. Ademais, quando a estrutura sintática for encaixada, curta e estiver em fronteira de I, as chances diminuem em [0.14] *log odds*, o que, em probabilidade, indica 46% de chances de haver uso não convencional nessa condição.

Observamos também que as chances de ausência-presença de vírgula (0-1) ocorrer em estrutura deslocada curta, quando em fronteira de I, diminuem em [-1.19] *log odds*, o que, em probabilidade, representa apenas 23% de chances. Quando a estrutura for encaixada, curta e coincidir com fronteira de I, as chances aumentam em [0.09] *log odds*, o que, em probabilidade, corresponde a 52% de chances. No tocante à variável preditora “não fronteira de I”, observamos que as chances de ocorrer a combinação ausência-presença (0-1) de vírgula aumentam em [2.01] *log odds*, quando a estrutura for deslocada, curta e não coincidir com fronteira de I, o que, em probabilidade, indica que há 88% de chance de ocorrer essa combinação de uso da vírgula nessas condições. Quando a estrutura for deslocada, longa e coincidir com fronteira de I, as chances aumentam em [1.80] *log odds*, o que indica que há 86% de chances de a combinação ausência-presença de vírgula ocorrer nessas condições.

Por fim, para a variável presença-ausência (1-0), os *slopes* negativos em [-0.92] *log odds* indicam que, seja deslocada seja encaixada, essas estruturas, quando curtas e em fronteira de I, diminuem as chances de ocorrer, o que, em probabilidade, indica 28% de chances de ocorrer essas tipologias nessas condições. Já os *slopes* positivos de [1.79] e [1.16] *log odds* indicam, respectivamente, que as chances de haver presença da vírgula apenas na fronteira esquerda da estrutura aumentam quando a estrutura for deslocada, curta e não coincidir com fronteira de I e, também, quando for deslocada, longa e coincidir com fronteira de I; essas chances, em probabilidade, aumentam em 85% e 76%, respectivamente.

A partir dos resultados estatísticos dispostos na tabela, podemos observar as seguintes tendências:

- (a) Vírgulas tendem a ser convencionais, se a estrutura for longa e houver fronteira de frase entoacional;
- (b) Tende a haver ausência não convencional das duplas vírgulas, se a estrutura sintática estiver deslocada e for curta, independentemente de haver fronteira de frase entoacional, mas se a estrutura sintática for encaixamento e curta, a ausência de fronteira de frase entoacional é condição para não haver as vírgulas;

- (c) Os usos de apenas uma das vírgulas, ora na fronteira direita ora na fronteira esquerda, é favorecido quando as estruturas não coincidirem com fronteira de I, independentemente de a estrutura ser curta ou longa.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo identificar e descrever os usos e não usos da vírgula em esquema duplo em textos de alunos do EFII, a fim de levantar tendências e regularidades quanto a esses usos e, também, identificar a quais fronteiras sintáticas e fronteiras prosódicas do enunciado os usos e não usos da vírgula estão relacionados. Para isso, nos distanciamos de abordagens que acabam por reduzir a complexidade do objeto linguístico, tendo em vista que ora se ancoram somente na dimensão sintática, ora somente na dimensão prosódica da pontuação. Propusemos, assim, um trabalho que parte da estrutura sintática dos enunciados escritos para estabelecer relação com a organização prosódica dos enunciados, articulando características sintáticas e prosódicas dos enunciados aos usos da vírgula.

Os resultados apresentados demonstraram que as estruturas sintáticas de deslocamento conferem estatuto mais problemático para os alunos no que se refere à colocação de vírgulas; o que mostra, também, que os alunos não reconhecem a hierarquização das estruturas sintáticas dentro do texto. Entretanto, tanto as estruturas deslocadas quanto as encaixadas tendem a não serem sinalizadas pelas duplas vírgulas, sendo assim, mesmo nos anos finais do EFII, o predomínio é do uso não convencional da vírgula. Além disso, com relação ao uso convencional da vírgula, esse é maior em estruturas encaixadas, o que corrobora a visão de que o deslocamento é contexto desafiador para os alunos.

No que se refere aos resultados estatísticos, esses apontaram que tanto as estruturas sintáticas quanto as estruturas prosódicas interferem no modo como os alunos utilizam as vírgulas nos textos. Além disso, pudemos atestar, também, que há motivações prosódicas relevantes para interpretar os usos e não usos da vírgula em esquema duplo, como a extensão das estruturas. Os modelos apontaram que: quanto maior a extensão da estrutura (estrutura longa com mais de cinco sílabas), maior a possibilidade de haver vírgulas nas fronteiras sintático-prosódicas, o que foi interpretado como pista de que essa frase entoacional seja independente das que lhe são adjacentes.

A realização deste trabalho nos possibilitou observar que as regras sintáticas não são o único ponto de ancoragem dos alunos ao pontuarem seus textos, a organização prosódica dos enunciados também desempenha papel relevante, corroborando a visão da multidimensionalidade da linguagem, defendida por Chacon (1998), na medida em que demonstra a ancoragem dos alunos tanto na dimensão fônica quanto na dimensão sintática da linguagem. Esse fato mostra, assim, a necessidade de repensar a supremacia

da sintaxe para a pontuação e, também, para a necessidade de se contextualizar o ensino da pontuação em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. *Os usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos da quinta série do Ensino Fundamental*. 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2012.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). *Cad. Est. Ling.*, Tradução Celene M. Cruz e João Wanderlei Geraldi, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, T. G. *Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2019.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, C. F. da; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAHLET, V. *As (man) obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

ELORDIETA, G. *et al.* Effects of constituent length and syntactic branching on intonational phrasing in Ibero-Romance. *In: Proceedings of the 15th international congress of phonetic sciences*. Causal Productions Barcelona, 2003. p. 487-490.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese: Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

GHINI, M. ϕ -formation in Italian: a new proposal. In: DICKY, C. (ed.). *Toronto Working Papers in Linguistics*, Toronto: University of Toronto, v. 12, n. 2, p. 41-79, 1993,.

LUFT, C. P. *A vírgula: considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*. São Paulo: Ática, 1998.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PAIVA, N. C. *Vírgulas em esquema duplo em textos do nono ano do EFII: aspectos sintáticos e prosódicos*. 2021 Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2021.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SONCIN, G. C. N. *Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!*. 2014. Tese (Doutorado em Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.

SONCIN, G. C. N.; TENANI, L. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 473-493, jul./dez. 2015.

SONCIN, G. C. N.; RODRIGUES, A. de A. A interação sintaxe-prosódia em usos de vírgula em esquema duplo: apontamentos para o ensino da pontuação. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 12, n. 3, jul./set. 2018.

TENANI, L. E. *Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II*. São José do Rio Preto: Unesp/GBD, 2015. Disponível em: <http://convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em: 23 mar. 2020.